

A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Ana Ines Souza
CEFURIA, Curitiba, PR, Brasil
Centro de Formação Milton Santos e Lorenzo Millani
Intervenção na Scuola di Pace di Boves – Cuneo – Italia
4 de Setembro de 2006

Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, Brasil, em 1921. Embora tendo se formado em Direito, logo descobriu sua vocação de Educador. Porém, não um educador formal, profissional, mas um educador para a liberdade. Sua primeira experiência foi no SESI – Serviço Social da Indústria, onde trabalhou com famílias operárias nos “Círculos de Pais e Professores”; e experimentou o que ele mesmo chamou de “uma educação social”. No SESI esteve por 10 anos, de 1947 a 1957. Esta foi a base concreta sobre a qual Paulo Freire elaborou sua tese de docência para a cadeira de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas Artes de Pernambuco, defendida em 1959. Este trabalho só seria publicado, muito mais tarde, em 2001, quatro anos após sua morte, que ocorreu em 1997, e se chamou: “Educação e Atualidade Brasileira”. Foi seu primeiro trabalho de fôlego, denso, com reflexões que seriam aprofundadas em suas obras posteriores, entre elas: “Educação como prática da liberdade”, “Ação Cultural para a liberdade” e “Pedagogia do oprimido”.

O período mais fértil da experiência e reflexão de Paulo Freire se deu nos últimos anos da década de 50 e início dos anos 60. Aí ele organizou o “Serviço de Extensão Cultural” da Universidade Federal de Pernambuco e participou ativamente do Movimento de Cultura Popular. Foi quando, junto com sua esposa Elza, que também era educadora, e uma equipe de colaboradores, desenvolveu um método de alfabetização que permitia o aprendizado da leitura e da escrita em 45 dias. Este não era um método abstrato de aprendizagem, mas um jeito concreto de ensinar e aprender as palavras e o mundo. Uma proposta pedagógica que promovia alfabetização política; o que significa muito mais do que se apropriar dos códigos da leitura e da escrita. Uma pedagogia que, partindo da realidade concreta e suas formas de interpretação, busca superá-las e construir um conhecimento novo. Este conhecimento novo, já não é mais apenas o conhecimento teórico do educador ou o conhecimento empírico do educando, mas algo diferente. Um conhecimento que integra prática e teoria, e desperta ambos os sujeitos do processo educativo – educando e educador; dirigente e dirigido; liderança e base – para a luta de transformação da realidade.

Portanto esta educação, é um ato político que reeduca todos os sujeitos envolvidos. É mais do que transmissão de conteúdos. Envolve postura e atitude diante do mundo e do OUTRO, que é diferente de mim. Não é a teoria ou os conceitos abstratos que educam. É a prática concreta que, sendo pensada à luz da teoria, transforma a realidade. Esta é a pedagogia de Paulo Freire – uma praxis transformadora das estruturas e das pessoas. Ele mesmo dizia que não era criador de um “método de alfabetização ou de conscientização”, mas o que propunha era um conjunto de princípios, de valores pedagógicos “encharcados” de realidade. Não é possível estudar Paulo Freire, sem olhar para nossa própria prática. E isto é dolorido porque implica descobrir o opressor que hospedamos dentro de nós mesmos. Significa morrer, para nascer de novo. Um novo homem e uma nova mulher, como dizia Che Guevara.

A pedagogia freireana é uma pedagogia radical, que propõe subverter a ordem social vigente em todos os seus níveis: pessoal, micro e macroestrutural. Não é uma didática, ou uma tática política. Ainda que um conjunto de técnicas ou pequenas ações, como: o jeito de dispor as carteiras numa sala de aula, o debate em círculos, o jeito de coordenar uma reunião, a distribuição coletiva de tarefas, o estudo em pequenos grupos, façam parte do exercício democrático, do combate ao autoritarismo e, portanto, da desconcentração de poder. Porque todas essas pequenas ações restituem, gradativamente, a palavra àquelas pessoas que, historicamente, aprenderam apenas a ouvir e obedecer. Ajudam a construir autonomia com responsabilidade. Desafiam a superar limites pessoais.

Neste sentido, embora tenha sido pensada a partir da realidade brasileira e latinoamericana, a pedagogia freireana serve para qualquer lugar do mundo, onde existam oprimidos e opressores. Para Paulo Freire, sua “teoria da ação dialógica” pressupõe dois momentos fundamentais: o reconhecimento da desumanização e o engajamento em um processo de humanização. Ou, dito de outra forma, pressupõe o momento da denúncia e o momento do anúncio. Ambos construídos dialogicamente, num processo de problematização que relaciona os fenômenos entre si, com suas causas e efeitos; o simples e o complexo; o local e o global. Numa espécie de espiral que, unindo teoria e prática, permite compreender o funcionamento da sociedade, na medida em que vai desvelando a realidade.

Em suas próprias palavras: “não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens.”

O passo a ser dado, na perspectiva freireana, pressupõe riscos, porque o novo não está dado, precisa ser construído, do projeto à execução. E isto assusta. A maioria das pessoas prefere levar uma vida medíocre porque não quer correr riscos. Prefere nadar a favor da correnteza. Mas a construção do novo, exige ousadia, criatividade. Exige romper com práticas e costumes cristalizados. Paulo Freire dizia que a luta de classes é um dos motores que move o mundo, mas não é o único. E ele reservou à capacidade de sonhar, um motor fundamental na construção histórica de uma nova sociedade.

É difícil delimitar na obra de Paulo Freire, categorias teóricas puras. Mas podemos destacar alguns valores e princípios pedagógicos. O principal deles é a “dialogicidade”, porque para Freire, o diálogo é a matriz da democracia. O segundo é o trabalho coletivo e o respeito ao conhecimento de-experiência-feito: “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo”. E ainda, podemos acrescentar: a ética, a tolerância, a política, a esperança, a indignação e a autonomia. Todos esses princípios constituem “tijolos” na construção do protagonismo e da emancipação popular e não podem ser pensados isoladamente, mas de forma integrada, totalizante. Esses princípios nos permitem olhar a vida e as potencialidades humanas em todas as suas dimensões.

O capitalismo nos dividiu, nos fragmentou. Temos que reaprender a nos construirmos por inteiro. E para isso é preciso que ações concretas sejam realizadas e um conjunto de atividades sejam colocadas à disposição das novas gerações para que elas percebam que o caminho não é único. E que não existe apenas um jeito de caminhar. Mas que novos caminhos se fazem ao andar. E podem ser muito mais prazerosos, podem lhes dar muito mais sentido as suas vidas, do que o que a sociedade atual oferece.

No mundo de hoje, onde a mídia tomou conta do imaginário popular, vendendo um modo de vida que só beneficia o mercado; onde a ideologia do consumo e o individualismo competitivo tornaram-se objetivos de vida; e o limite do sonho, constituiu-se naquilo que o dinheiro pode comprar, a pedagogia de Paulo Freire é de uma atualidade impressionante. Faz-se urgente, mais do que nunca na história humana, um processo de desvelamento da realidade, de desideologização do senso comum e da prática cotidiana.

A pedagogia de Paulo Freire é a pedagogia do amor, por isso, para terminar esta minha contribuição vou tentar ler, em italiano, um pequeno trecho de uma fala de Paulo Freire onde ele mesmo se auto-define:

“Io sono un intellettuale, che non ha paura di essere amoroso, io amo le persone e amo il mondo. Ed è perché amo le persone e amo il mondo, che io lottò perché la giustizia si plante prima della carità”.

Referência Bibliográfica

Paulo Freire. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

_____. **Política e educação**. São Paulo, Cortez, 1993.

_____, Frei Betto e Ricardo Kotscho. **Essa escola chamada vida**. São Paulo, Ática, 1985.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

Antonio Fernando Gouvêa da Silva. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular**. Curitiba : Gráfica Popular/CEFURIA, 2005.

Ana Inês Souza (Org). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo, Expressão Popular, 2001.